Ano XXIX Nº 355 março de 2019

Marigê - Balada da Eternidade

Rosani Abou Adal

saudosa escritora, poeta, contista, ensaísta, crítica literária, tradutora, autora de obra infanto-juvenil Marigê Quirino Marchini editou e assinou a coluna de Livros Italianos no Linguagem Viva.

A primeira colaboração de sua autoria publicada no L.V., edição n.º 19, março de 1991, pág. 5, Ano II, foi o poema *Três Visões: I – Dresden 1945.*

Marigê Quirino Marchini nasceu em 17 de fevereiro de 1936, em São Paulo. Faleceu no dia 20 de fevereiro de 2013, em São Paulo. Foi casada com o escritor, poeta e advogado J.B. Sayeg (1934 - 2007).

Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, do Largo São Francisco, em 1959, onde conheceu o companheiro da vida e das letras J. B. Sayeg.

Foi membro do Clube de Poesia de São Paulo, da União Brasileira de Escritores e da Academia de Letras da Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Colaborou em jornais e revistas literárias como a LB - Revista da Literatura Brasileira que foi editada por Aluysio Mendonça Sampaio. Tem traduções publicadas em revistas literárias de Plutarco, Essenin, Gaspara Stampa, Vitoria Collona e Atílio Bertolucci (Itália).

Autora de Balada dos Quatro Ventos (poemas, 1955), Diário de Bordo (poemas, 1957), Oratório de Um Dia de Verão (poemas, 1982), Sonetos do Imperfeito (poemas, 1984); Figuração Onírica (poemas, 1989), Infância Querida por Vívian (literatura infantil, 2001, com ilustrações da autora) e Hierofanias: O Religioso na Lírica Feminina (ensaios e críticas literárias, 2003).

Conheci Marigê na sede da União Brasileira de Escritores, na Rua 24 de Maio, 250, 13º andar, em São Paulo, no final da década de 80. Na gestão do saudoso Henrique L. Alves, 1990/92, fomos companheiras de diretoria da UBE.

O primeiro livro que li de sua autoria foi *Oratório de um dia de verão*. Constatei que ela veio para ficar e se perpetuar no tempo como Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa. Obra rica em imagens marchinianas; "[...] Em horas de íngreme estio / deserto em mim e no mundo / se choro me faço água [...] ", *Fábula do Temporal*, pag. 42.

Com a leitura de Balada de Quatro Ventos, livro de estreia, pude confirmar a impressão da



Sayeg e Marigê

primeira leitura, porque a obra veio para consagrá-la. A linguagem rica em imagens e bem lapidada marca o início da carreira: "[...] debaixo das pálpebras azuis / a incandência das manhãs, / e sobre a palma das mãos / nervuras de crisântemos. [...]", Balada da Bela Adormecida, pág. 22.

Sayeg leu todo o livro *Diário de Bordo* na Livraria Saraiva, em frente da Faculdade. Disse que ficou encantando com o livro. Surge a afinidade poética e começaram a passear para conversar sobre Literatura. Somente iniciaram o namoro após o término da Faculdade.

Também fiquei encantada com *Diário de Bordo*, uma sonata de poesia, uma balada que eternizará o encanto.

Diário de Bordo

[...] De um passado tempo, aqui que marujo ébrio içará as velas domingo de manhã quando todos perguntarem o seu nome sua nacionalidade o nome do seu barco e a tripulação?

Ele nada saberá contar senão que as paredes são como os fuzilados, erguidas contra as sombras

e ele preferia os peixes voadores. [...]

A obra de Marigê Quirino Marchini teve boa acolhida crítica de respeitáveis nomes da nossa literatura como Jamil Almansur Haddad, Maria de Lourdes Teixeira, Manuel Bandeira, Antônio Soares Amora, Helena Silveira, Álvaro Augusto Lopes, entre outros renomados críticos.

Publicou poucos livros, porém o suficiente para destacá-la entre os melhores poetas da sua geração. A quantidade não importa, porque seu universo poético navega além-mar. É uma balada da eternidade.

Marigê era do tempo da máquina de escrever, então às vezes me ditava ao telefone algum poema para publicação.

Ainda gravo na memória sua voz ditando a última colaboração que foi publicada no jornal, na edição nº 276, agosto de 2012:

Da Balada dos Quatro Ventos

Na noite de minha morte habitarei os galhos dançarinos E na coreografia do vento Direi adeus a mim mesma

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo.

www.poetarosani.com.br

LINGUAGEM VIVA Página 2 - março de 2019

HOMENAGEM À POETA COLOMBINA

Amaryllis Schloenbach

os 14 de março de 1963, Colombina, minha tiaavó e amiga, faleceu em São Paulo, onde viveu durante toda sua vida. Daí ser chamada de "Cigarra do Planalto". Ela nasceu em 26 de maio de 1882, e seu verdadeiro nome é Yde (Adelaide) Schloenbach, e mais tarde, pelo casamento com Hannerv Blumenschein, passou a usar mais esse sobrenome.

Com seu marido teve dois filhos, Elisa e Oto, mas separou-se

dele depois. O desquite causou muito alvoroço na família e na con-servadora sociedade da época. Ela, no en-tanto, era uma figura adiantada e independente e enfrentou a situação com bastante tranquilidade, embora adotasse o pseudônimo de Colombina. Assim produziu seus doze livros de poesia, mais um de prosa. Gostava

de ensinar técnica poética para os jovens, ou menos experientes, organizava as chamadas tertúlias em sua própria residência. Mais tarde fundou, em 1948, a "Casa do Poeta Lampião de Gás", de que é "Presidente Perpétua" e a qual funciona até os dias de hoje, como ponto de encontro de literatos.

Colombina cultivou imensa legião de amigos e admiradores. Fundou, em 1954, o jornal mensal "O Fanal", onde publicava textos de outros poetas famosos, onde também estampava textos de poetas novos, incentivando-os a trilhar o difícil e prazeroso caminho da arte literária. A Poeta, é Patrona de várias Academias Literárias, espalhadas pelo nosso território, de Norte

a Sul. Há uma rua com seu nome em Itanhaém, e. em São Paulo, a conhecida rua Poetisa Colombina.

A filha também escrevia versos, que assinava como Lys Dorison ou Sudra Vana. Lys, de temperamento passional, após a morte do marido Felício, deu fim à própria vida, aproveitando-se da ausência da mãe, que saíra para um fim de semana em Itanhaém, onde costumava compor seus versos na "Praia do Sonho", hospedada por um casal amigo e incentivador.

Colombina, apesar das tragédias que afetaram sua vida, escreveu versos belíssimos, deixou livros,



que embora esgotados, continuam sendo procurados até hoje. Seu maior feito, no entanto, foi ter sido uma das precursoras, no Brasil, da poesia erótica escrita por mulher.

Maria Thereza Cavalheiro, admirável escritora, recentemente falecida, também sua sobrinha-neta, publicou o livro "Colombina e sua Poesia Romântica e Erótica", em 1987, no qual descreve com talento e emoção a trajetória dessa luminar do século passado, que é lembrada com muito orgulho e carinho por muitos de seus contemporâneos, escritores ou não, que ainda estão entre nós.

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, jornalista e advogada.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000 Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em A Tribuna Piracicabana, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades. Impresso em A Tribuna Piracicabana -

Rua Tiradentes. 647 - Piracicaba - SP - 13400-760 Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

A OBRA-PRIMA

Lóla Prata

jovem casalzinho recebeu as bênçãos da comunidade ao darem o "sim!" solenemente. Traziam no coração a esperanca, quase certeza, de se realizarem social e culturalmente, cada qual seguindo o caminho delineado por sua vocação, gênero, educação, família e instrução, no promissor futuro conjugal.

Ela continuaria os estudos interrompidos pela opção de casamento e deveres inerentes, como a feitura do enxoval, por exemplo. Ele seria uma sumidade na arte de manusear plantas: pretendia descobrir os segredos e manhas dessa criação botânica chamada bonsai, custasse o que custasse, tendo em vista adquirir fama, sobrepujando mesmo, a experiência dos mestres japoneses.

Os amanhãs foram se sucedendo

Certo dia, a mulher comunicou estar reativando a matrícula na faculdade.

Um estranho sentimento até então não detectado, chamado ciúme, invadiu o relacionamento nascente.

- Não! disse ele.
- Sim! teimou ela.

O não masculino foi mais forte, sob a pressão da dependência financeira. Ela abaixou a cabeça, em triste conformidade.

Adiaria seu sonho

Ainda era iovem..

Enquanto isso, a liberdade total o cativava e o tornava refém. Ela, distraindo a solidão, se cercava de antigos livros para continuar se autoinstruindo em meio às panelas e à pia sempre repleta de serviço. Não conseguia desistir completamente de lapidar a inteligência no saber.

Um dia, reclamou da ausência do companheiro. Ele respondeu, não tudo de uma vez, mas em doses homeopáticas, uma assertiva a cada queixa:

É que você está gorda, feia, velha, fria, burra e louca!

Na verdade, ela estava e ficava ainda mais abatida, murcha, sem vontade de nada, muito menos de amar nos conformes de seu juramento.

Avisou:

- Estou vendendo salgadinhos para a vizinhança, para ter dinheiro.
- Nunca! Pode parar! Mulher minha não vai se humilhar desse jei-
- Preciso comprar livros, cosméticos, alimentos saudáveis, calmantes para me recuperar das "qualidades" das quais você me acusa.
- De modo algum! Quieta em casa! Quer sair para se mostrar e arrumar macho? Você precisa é de uma surra! Qualquer dia te mato!

Apesar das restrições financeiras alegadas, ele havia montado uma oficina de bonsai num cômodo da casa. Lá, vários vasinhos rasos de porcelana "pele de ovo" ostentavam mudas maturadas de laranjeira, de jequitibá, de macieira e outras, em nanismo deplorável. Nesse recanto privado, ela era persona non grata por ser "muito palpiteira, sem entender do assunto..." – dizia ele. O ateliê guardava secretamente

o intenso sofrer, verdadeiro martírio das plantas manipuladas cruelmente, com paciência monstruosa e em obscura e estudada repetição dos cortes de um torturador em série.

Ela, por fim, se identificou como a obra-prima do podador: tornarase uma adulta aleijão, sem espaço para esticar os ramos cheios de seiva e entusiasmo, sem vivenciar a liberdade dos ventos em sua folhagem, sem gerar descendentes, sem se expandir e se comunicar com os semelhantes, medrosa e recolhida Por mesma si tal hipodesenvolvimento e de tanto ser acusada, convencera-se de ser gorda, feia, velha, fria, burra e louca!

Lóla Prata é escritora e fundadora da Associação de Escritores de Bragança Paulista. www.lolaprata.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00 Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil -Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Página 3 - março de 2019

CARTA ABERTA ÀS MULHERES

Ely Vieitez Lisboa

Minhas Irmãs,

Houve boa intenção quando oficializaram a data do Dia Internacional da Mulher. Mas o fato causou-me estranheza, tanto como o Dia das Mães. Não é bizarro estipular um dia, quando a elas, mães ou não, cabe sempre maior responsabilidade diária?

Houve um tempo, em um passado longínquo, que o homem era mais ciente de seus deveres de provedor, chefe de família. A mulher, apesar de todo trabalho e responsabilidade, aceitava ser mais submissa, depender primeiro do pai, depois do marido. Até o Apóstolo São Paulo, em duvidosa epístola, prega essa total submissão...

Os tempos mudaram e como! Sequiosas de liberdade e querendo provar que em quase todos os campos imperava a igualdade, as mulheres se arrojaram: cortaram os cabelos, abandonaram os espartilhos, puseram calças compridas. Veio o direito do voto feminino, entraram para a política e logo ousaram trabalhar em cargos antes só para os homens. E sobressaíram até na Literatura e nas Artes.

Esta é a parte bela e atraente na ascensão. Contudo, surgiram problemas sérios: os homens, raivosos ou irritados, começaram a se eximir dos seus deveres. Formaramse, então, estranhas famílias de mães abandonadas e traídas, quase sempre com vários filhos. Elas, as mantenedoras solitárias, arcando sozinhas com toda a responsabilidade.

E o pior. Mais do que nunca, os machos tornaram-se brutais, violentos e ferozes. Aumentou o número de mulheres espancadas, feridas, assassinadas por monstros animalescos ou por pretensos companheiros e maridos. O que fazer em um país com três estupros por dia?! Criaram-se as Delegacias da Mulher e a bem intencionada Lei Maria da Penha. Foi inaugurada a primeira Casa Da Mulher Brasileira, em Campo Grande, com um atendimento altamente especializado, diante da violência contra as mulheres. Resolveram-se os problemas? Não. Basta ver a violência contra as mulheres, principalmente nos dias atuais. Veja o terrível termo, agora tão comum, FEMINICIDIO.

Ah, Irmãs minhas! Vou lhes falar de algo que talvez vocês, com



suas conturbadas vidas, nem se lembrem ou pararam para analisar. Não é um chiste, mas apenas para abrandar um pouco nossa conversa epistolar... Repararam que a própria Natureza é meio madrasta, em relação à Mulher? Alardeiam tanto o sublime da maternidade. E o que acontece? O ato da fecundação, o prazer é a dois, mas as terríveis dores do parto são da mulher...

Já pensaram, amigas? Até a Gramática é facciosa. No plural, o masculino predomina sobre o feminino. Ah, vocês dirão que tal argumento é uma idiossincrasia da eterna professora... Pode ser, mas não é fato?

Oficializaram o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. Costuma-se ver a data ligada ao incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist, em Nova Iorque, dia 25 de marco de 1911. Morreram 146 trabalhadoras, a maioria costureiras, que lutavam pelos seus direitos. Na verdade, foi em 1910 que ocorreu a primeira Conferência Înternacional da Mulher, em Copenhagen, quando foi aprovada a proposta da socialista alemã. Clara Zatkin. No Ocidente, o Dia Internacional da Mulher foi comemorado de 1910 a 1920, mas só em 1977 a data foi oficializada.

Se o 8 de março ajudar em algo, propiciando mais direitos e menos sofrimentos às mulheres, eu louvo a data. Mas, se é apenas um dia no calendário, melhor fora que ela não existisse. É uma farsa, um engodo, uma falácia...

Aproveito o espaço, minhas Irmãs heroicas, para desejar-lhes toda a felicidade do mundo e fazer-lhes um alerta, meio filosófico e preocupante: que vocês façam sempre sábias escolhas, não optando só pelos arroubos do coração. Cuidado, às vezes ele é péssimo conselheiro.

Ely Vieitez Lisboa é escritora. elyvieitez@uol.com.br

TEORIA DAS ONDAS

Beatriz H. Ramos Amaral

transparência me re porta à (tênue) ideia de mar. Provavelmente haverá uma razão para que as águas não ultrapassem este ponto. A noção provisória das marés, o embrião de sua força, o gesto azul de escolha, o embalo da música soprando a narrativa. Fixo-me no intervalo que medeia as ondas - na incoerência volitiva dos atos. Tenho o azul do raso ao fundo e em meu porto circulam matizes de um cromatismo ancestral. O que vejo? O que me fascina? Paisagem marinha que se projeta, inteira, em minha direção.

Vejo ondas superpostas, despaginando visões arcaicas. Algumas delas lançam-se contra as rochas. A natureza indômita do mar desconhece as sutilezas da memória e teima em apagar, a cada golpe de água, instantes e acervos de pretérito. É desnecessário precipitar-me. Cristais de areia estendem-se por quilômetros indivisos.

Estou firme, âncora resoluta, prestes a conhecer outro oceano. Alguma câmara tentará extrair-me o impenetrável. Olhos colhem fragmentos de antigos naufrágios, sem solução de continuidade. Inaugurase em mim uma sensação anfíbia: vaga após vaga, meus instantes em segundos devolvidos.

(Dizer-te tudo, de outro modo). Dizer com os poros, até onde os veleiros não puderem alcançar. Entender-te, península, pressupondo teus avanços rumo à sub-aquática instância que me penetra as retinas

(Abandonar filmes e personagens que amadureceram nos olhos da areia, esses olhos que se escrevem, serenos, sem jamais marejar. Receber-te em terra fértil, a tripular-me na ressurgência das águas). Num barco distante, planam miragens descobertas por binóculos. Impressionismos: correntes/vazantes já me permitem passar além do acaso. Desenho do vento, inquietude. Onde está a coesão? O que irrompe na tela do enredo? Ruptura de reflexos na superfície marítima. Fresta que me abriga em súbito mergulho - lá onde a mente torna-se plena, navega-me, página em branco adormecida, na avidez poética dos náufragos.

(Trazer-te à tona. Saber fixar teu primeiro gesto em minha história, onda após onda, além de uma ponte incriada. Fluir pelo descuido dos segredos revelados. Afogar-me em tua metáfora - abismo selvagem da luz.

(Meditar a véspera da viagem não filmada – relógio partido sobre a areia. Depois, compreender-te ficção).

Oceano, sê completo em tua resposta, cinematografia que insiste em reter o instante inaugural, suspenso no ar, sobre as ondas, qual sensível pupila, em incessante movimento de pesca.

Beatriz H. Ramos Amaral é escritora, poeta, contista, musicista, Mestre em Literatura e Crítica Literária e diretora do Departamento Cultural da Associação Paulista do Ministério Público.

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

Página 4 - março de 2019

NAIR DE TEFFÉ RIAN

Sonia Sales

air de Teffé, uma das mais notáveis mulheres brasileiras, filha caçula do Barão de Teffé, o diplomata Antonio Luiz von Hoonholz, e de sua esposa Maria Luisa Dodsworth, nasceu a 10 de junho de 1886, mas foi levada para a Europa com um ano de idade, só voltando à sua terra Natal aos 19 anos.

Poliglota, falando um francês impecável, teve esmerada educação nos principais educandários de Nice e Paris. Exímia pianista e poeta possuía também uma belíssima voz de soprano. Filha e irmã de diplomatas, tendo convivido com a alta sociedade da Europa, estava a par de todos os movimentos culturais, o que a fazia ainda mais encantadora.

Com palavras repletas de firulas, bem a gosto da primeira metade do século 20, assim a descreveu Fiorelli na revista "Fon-Fon":

"Miúda, miudinha, mimosa, frágil, delicada, uma figurinha de biscuit, digna de luxuosa etagère envidraçada e de pelúcia forrada. Uma tetéia, um fetiche, que compensa a exiguidade corporal por uma exuberância de vida e graça. Fala com calor sibilando muito levemente as palavras, num arroubo constante, das suas predileções. Pontua frases lapidadas na sua excelente cultura intelectual. Adora música, o teatro e a agitada vida mundana.

Segundo a própria Nair, o seu gosto pela caricatura revelou-se muito cedo, aos nove anos, quando estudava em Nice, no convento de Santa Úrsula. Mais tarde, em Paris, entrou para o curso de pintura de Mle. Lavreet, uma expositora do Salon. Mas o que ela amava e a motivava eram os portraits-charges, as caricaturas. O Barão de Teffé extremamente conservador fazia o impossível para desviar-lhe a vocação, mas para ela, era irresistível.

A voluntariosa Nair retrucava com bravura contra o conservadorismo paterno. Ela sabia se impor numa época em que a mulher não passava de um enfeite feita apenas para encantar e viver restrita ao lar. Mulher trabalhar? Nunca!

Querendo aprimorar-se, numa de suas viagens a Paris, ainda fez o curso de modelo vivo na famosa Academia Julian,

Voltando ao Brasil. o Barão de

Teffé foi com a família viver em Petrópolis, a cidade serrana do Rio de Janeiro que no verão era o lugar central da sociedade brasileira. Lá Nair foi feliz com o seu piano, sua música, seus pássaros e seus cães.

Foi justamente em Petrópolis, que por acaso, deu-se a conhecer sua inclinação para a caricatura, quando Laurinda Santos Lobo, amiga de seu pai, e um dos ícones da sociedade brasileira descobre uma de suas caricaturas e fica fascinada. O seu desenho faz tamanho sucesso, que Nair passa a ser o charme da estação de veraneio. As conversas das senhoras que antes só giravam em torno de vestidos e chapéus, agora só falam das caricaturas de Nair. E ela não tem tempo para mais nada, chegava a desenhar até vinte caricaturas por dia.

O Barão de Teffé a princípio tão rigoroso acabou tornando-se um dos seus mais entusiastas admiradores. Já não se opunha aos seus desenhos ou às suas exposições e não mais iria impedir sua colaboração em revistas e jornais: "Sem remuneração, é claro!"

João do Rio em sua coluna "Cinematógrafo" da Gazeta de Notícias protestava, "MIIe. Nair de Teffé faz caricaturas, mas não as publica. Porque? Os curiosos preconceitos desta estranha Terra! Entretanto a tanta gente que viaja é impossível ignorar a insistência com que Sem e Des Losques e outros que caricaturam tout Paris, e como jornais sérios como "L'Echo de Paris" publicam na primeira página senhoras e cavaleiros da melhor sociedade caricaturados por lápis insignes. Nessa ocasião, Nair passou a expor semanalmente os seus trabalhos, ora na vitrine da Chapelaria Watson ora na Casa Davi, fazendo com que o grande público pudesse conhecer o seu trabalho.

A partir de 13 de agosto de 1910, o Brasil inteiro veio a conhecer as caricaturas de Nair, já agora assinando Rian, quando a revista "Fon-Fon" as publicou em sua famosa "Galeria das Elegâncias", na qual Rian retratou personagens aristocráticas, dando vida com o seu lápis, aos grandes da época. Para não ter problemas, "Fon-Fon" publicava "Gentileza da permissão competente".

Embora tendo uma forte influência francesa, o que podemos ver na arte de Rian é a espontaneidade do traço, o poder de síntese e a capacidade de excluir o supérfluo. Não deforma os caricaturados, o grotesco não é o seu estilo. Ela mesma, não escondia suas preferências neste setor, como se vê numa entrevista a Assis Barbosa: "Sem é para mim o maior caricaturista de todos os tempos e também De Losques cujos trabalhos sempre me fascinaram."

Pode nos parecer muito fácil e até mesmo um pouco fútil na época em que vivemos, mas se pensarmos que tudo isso aconteceu no início do século XX e que Nair foi uma pioneira, sendo a única mulher a fazer caricaturas no Brasil, veremos quão corajosa e obstinada ela foi. Uma mulher a frente do seu tempo.

O grande sucesso dessa série de caricaturas, permitiu a Rian publicá-las nas revistas "Careta" e nas edições dominicais da "Gazeta de Notícias". A atriz Rejane foi uma das suas primeiras caricaturadas. Nair não perdia as apresentações da Companhia no teatro Municipal. e usando um binóculo ia desenhando no seu camarote. Desta forma conseguiu ser colaboradora das mais elegantes revistas parisienses, tendo recebido o convite de Pierre Lafitte, o célebre editor francês, para ser artista efetiva do Excelsior, e para sua glória, ser afirmada como a primeira mulher caricaturista do mundo

Em 29 de setembro de 1910, os jornais do Brasil publicavam o seguinte telegrama, como nos conta Herman Lima, um dos seus biógrafos:

"Paris, 28. A revista parisiense "Fantasio" publicou duas páginas de caricaturas da lavra da Senhorita Nair de Teffé, elogiando a gentil autora de tais desenhos".

Era o sucesso Mundial!

J. Carlos, o grande caricaturista, aproveitando a ocasião, fez uma bela caricatura de Rian, com sua carinha de anjo e olhos claros e melancólicos"

O Teatro, além do desenho, era uma de suas mais brilhantes formas de comunicação. Em 1912 interpretou Miss Love, de Coelho Neto, peça escrita para ela. Formou em Petrópolis um grupo de teatro, com moças e rapazes, para fazer espetáculos em benefício das obras da Catedral e obras sociais, com estrondoso sucesso. Não só no Brasil, mas na Europa Nair brilhou. Em Londres chegou a cantar no Winter Palace em benefício dos feridos na



Primeira Guerra Mundial. Exímia pianista foi aluna na Europa de Jules Nicate, diretor do Conservatório de Lausanne, e no Rio estudou com Artur Napoleão e Oscar Guanabarino, especializando-se em Chopin, Bach e Beethoven.

Também em 1912, realizou no Salão do Jornal do Comércio uma exposição individual com mais de duas centenas de caricaturas com o mesmo espírito e graça maliciosa, e o irônico sabor com que sempre soube tratar as suas criações, retratando os dandies da época, como Ataulfo de Paiva, Humberto Gutuzzo, Castor e Polux e tantos outros

Alguns anos depois, já casada, resolveu estudar violino instrumento dificílimo, mas a conselho de seu professor, acabou trocando pelo violão.

O único amor de sua vida, e com quem se casou, foi o Marechal Hermes da Fonseca, então Presidente da República. Conheceramse quando o marechal, grande amigo de seu pai, foi passar alguns dias em Petrópolis e ela teve que recebêlo. O Presidente surpreso apertouhe a mão com muita simpatia. Conversaram um pouco, mas quando ele se despediu o aperto de mão foi bem mais prolongado.

Nair, excelente amazona gostava de cavalgar pelos arredores de Petrópolis e sempre encontrava amigos, inclusive o marechal. Vários encontros se seguiram, mas agora, na companhia de seu pai. Certo dia, o cavalo de Nair tropeçou, jogando-a no chão, o marechal aflito foi ajudá-la, mas ao verificar que ela nada sofrera, ajoelhou-se e romanticamente a pediu em casamento. Um casamento feliz que durou até a morte do marechal em 1923.

Como Primeira Dama do País, Nair revolucionou o Palácio com sua juventude, introduzindo o violão em seus saraus. Página 5 - março de 2019



Nair de Teffé - caricatura de Xavier - Xavi

Um dos muitos escândalos que provocou, foi ao aparecer em uma reunião ministerial com um vestido em cuja barra havia caricaturado todos os ministros.

Escandalizados disseram: "Como a filha de um herói do Riachuelo e Grande Do Império, pode afrontar a Consciência Nacional?" Mas ao contrário do se esperava, a nação inteira vibrou com o escândalo

Em outra festa de gala, com toda a elite presente, organizou um belíssimo sarau e entre os clássicos tocados, Nair executou ao violão o maxixe "Corta Jaca", de Chiquinha Gonzaga. A letra e a maneira de dançar ruborizaram a maioria das senhoras presentes. Rui Barbosa fez questão de criticála até no Senado. Mais uma vez o povo brasileiro se deliciou com a ousadia de Nair, e o "Corta Jaca" foi um sucesso!

Após deixar a Presidência em 1914, o marechal e Nair mudaram para Petrópolis, com idas periódicas à Europa, onde ela pode mais uma vez mostrar os seus dotes artísticos.

Com a morte de seus pais e enviuvando, Nair se viu sozinha. Era uma mulher rica, com muitas propriedades deixadas pelo pai, mas solitária! Com o tempo, aficionada aos jogos de azar, e não se assustem, ao jogo do bicho, ficou com as fi-

nanças abaladas. Perdeu quase tudo, e com o que restou de suas economias construiu o cinema Rian na Av. Atlântica, entre as Ruas Constante Ramos e Barão de Ipanema. Um prédio de quatro andares que administrava pessoalmente, até que se desentendeu com o seu sócio, que, segundo ela, se apropriou do cinema em 1946.

Nair, empobrecida, foi morar num sítio perto de Niterói com os três filhos que adotou, e seus animais de estimação. Ainda cavalgando e produzindo os seus desenhos, criou já no final de sua vida caricaturas de Juscelino, Café Filho, Jânio Quadros e muitos outros.

Em 1974 lançou em Niterói, um livro autobiográfico "A verdade sobre a revolução de 1922", no qual explicava a atuação de seu marido. Lendo a notícia no jornal, fui ao lançamento e tive a honra de conhecêla. Uma senhorinha muito simpática com brilhantes olhos azuis.

Faleceu em 1981, com 95 anos. Foi sepultada no jazigo do marido e junto ao túmulo de seus pais em Petrópolis.

Nair de Teffé, ou Rian, é uma referência na História da caricatura mundial!

Sonia Sales é escritora, poeta, historiadora e membro da Academia Carioca de Letras.

Mulher Água

Ivana Maria França de Negri

São tantas as águas suadas, choradas mornas, salgadas, frias, adocicadas Todas sagradas.

Águas amnióticas envolvendo a semente alimentando a vida ainda dormente.

Águas-lágrimas de dor, de alegria de pura emoção Rios brotados direto do coração.

Águas rubras espessas, grumosas pacto de sangue a fluir todo mês.

Águas doces leitosas, branquinhas brotando dos seios pingando macias em ávidas boquinhas.

Águas porejadas destiladas, salgadas suores voláteis da lida diária.

Mulher-cachoeira Mulher-oceano vertendo rios, lagos, mares Águas de sedução jorrando amor Mulher-água fonte da vida!

Ivana Maria França de Negri é poeta, escritora e membro da Academia Piracicabana de Letras, do GOLP e do CLIP.

MENINA DOS OLHOS

Raquel Naveira

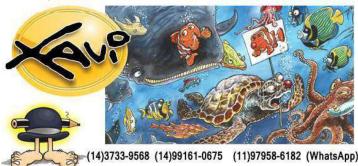
Suplico proteção, Por toda parte há perigos Que machucam, Fazem chorar E andar às cegas.

Envolve-me em tua túnica, Entre pálpebras e cortinas, Enquanto lá fora ardem luzeiros, Fagulhas e purpurinas.

Há um poder que mata E fulmina, Mar mutante, Estrela pequenina, Reflexo das profundezas submarinas Nos meus olhos Que buscam, entre lágrimas, A essência divina.

Na escuridão, Perseguida por leões, Cercada por flechas e ciscos, Correndo tantos riscos, Presa a abrolhos, A ferros vermelhos E véus incandescentes, Confio que me guardas Como à menina dos olhos.

Raquel Naveira é Doutora em Língua e Literatura Francesas pela Universidade de Nancy (França), Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP e vicepresidente da Academia Sul-Matogrossense de Letras.



www.xavierdelimal.wixsite.com/xavi

Página 6 - março de 2019

A Amizade é Vitalícia

Hilda Mendonça

Que tédio a vida seria Até a riqueza seria sofrida Nenhum abrigo encontraria Se nos faltasse um amigo. Nada há de mais salutar E nem de tanta beleza Ter sempre amigos pra abraçar Já é por si maior riqueza. Nas horas de abandono e perigo De dúvidas e tristezas Contar com ombro amigo È o que nos livra da incerteza Amigos, uma boa amizade É coisa que se cultive Isto nos traz felicidade E esta vida mais se vive. Portanto a amizade sincera É para nós muito auspicia Pois esta não degenera É A AMIZADE Vitalícia

Hilda Mendonça é escritora, professora, membro fundadorada Associação Cultural dos Escritores de Passos e região e da Academia Taguatinguense de letras - DF.

Portal de Afrodite

Andreia Donadon Leal

Minha voz de mulher, versos noturnos conhece a gama e as vibrações sonoras de múltiplas vozes arrancadas do fundo da alma. Minha voz de mulher reversos sombrios irrompe as trevas do frio insano ou das ondas de calor que suam e despejam desidratação do corpo.

Rompo barreiras ressurjo das trevas em toque tênue na cor lilás sobre pontos escuros do amor, para apor múltiplas vozes que se emaranham dentro do meu ser.
Minha voz de mulher arma/da garganta brada ao mundo:
- tristes palabras si no hablam de amor.

Andreia Donadon Leal é poeta, artista plástica, cronista, Mestre em Literatura pela UFV e membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais.

TRAVESSIA

Teruko Oda

Na quietude das sombras frias estranha paz envolve a solidão leio Fernando Pessoa – o Mar Português – a recordar-te. E fecho os olhos e sou feliz Tu retornas na brisa d'além mar aos verdes mares de minha terra Ah! Quanta paz, quanta alegria! Quantos planos, quanta esperança quantos velhos, mas bons sonhos! Mas é inverno. E a chuva cai Na procela que se aproxima pressinto a hora da partida o vento, no mar, é fúnebre canção ... Ah! Quanta saudade já havia nos fados que tu cantavas. Do amor solidão que herdei de ti não deixo herdeiros, não deixo saudades. A noite é de travessia

Teruko Oda é escritora, poeta, professora, haicaísta e uma das fundadores do Grêmio de Haicai Caminho das Águas, de Santos.

fecho os olhos e sou feliz.

MULHER!

Débora Novaes de Castro

Rosa majestosa, margarida coração dourado, mantos purpurados ou de chita, confundindo sábios na cátedra da vida.

A virginal neblina das manhãs fagueiras, maré cheia, novidadeira, invadindo praias nas tardes confessionais.

A ostra prenha dos mares, estremecida, parideira, cascalho nacarado, abençoado, doando pérolas meninas.

A Fênix revivida, dos ocasos desvalidos ás rútilas alvoradas, estrela, terra, água, teu nome é Mulher!

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC-São Paulo, 2004. www.deboranovaesdecastro.com.br

Sob o signo do sonho

Alice Síndola

Ó, tu, que pisas o vento, derrama taças de poesia nas rezas

que tu fizeres por mim!

Serei a rosa.

que abrigas em tuas mãos, e, intacta, permanecerei em teu canto de amor e em tua vigília do imprevisível.

Conquistas-me pelo segredo de tua palavra, quando tu reges

a sagrada luta

de suplantar o Tempo:

indo em teu veleiro de sonho, singrando um mar de signos.

Na voz ofertada,

às terras distantes, buscas o fôlego que te redime deste desespero diário.

De tua sinfonia do cotidiano a sutil reflexão a cerca do eterno.

Alice Spíndola é escritora, poeta, contista, tradutora e artista plástica. Graduada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás.

Miniatura de Vida

Lina Tâmega Peixoto

Súbito, o ar fica espesso pelo vento pisado no chão. Jeito de disfarçar o breve momento no engolir fina água de porcelana e uns cacos trêmulos e claros despencados do silêncio alto. Miniatura da vida a flexionar o bojo simples e frívolo do tempo.

Lina Tâmega Peixoto é escritora, poeta, crítica de Literatura e membro fundador da Associação Nacional de Escritores. Foi professora de Língua Portuguesa e Teoria Literária da Universidade de Brasília. Página 7 - março de 2019

LINGUAGEM VIVA

A morte no rosto formoso

Nilza Amaral

odos os dias ele ia ao grande lago. Era um jo vem rapaz nascendo para as coisas do amor e do mundo. Buscava sua identidade.

Debruçava-se sobre as águas e namorava o próprio rosto em transformação. Pequenos pontos na pele, alguns fios de barba despontando, os olhos crescendo admirados com a dimensão do universo.

O coração palpitava. Sentia um vazio no estômago, um tremor nas pernas, por vezes achava que fosse desfalecer. A água fria do lago o reanimava. Atirava-se com fúria em um mergulho profundo e nadava de margem a margem, castigando o seu corpo exigente. Depois descansava na relva macia e deixava-se acariciar pelo vento que lambe a terra. Mais aliviado vestia suas roupas e assobiando retirava-se para sua casa. Sempre acompanhado de uma nebulosa que pairava sobre sua mente. Perguntava-se absurdos. Porém nos rituais de passagem de idade e da indagação do mundo nada é absurdo. Queria saber por que as asas das borboletas eram tão coloridas, por que seu coração batia tão forte ao ver uma linda jovem passando ao seu lado e deixando aquele rastro perfumado, por que as mulheres têm esse perfume especial, para onde iam as nuvens no seu caminhar incansável. Perguntas sem respostas. Perguntas sem sentido. Perguntas de quem está nascendo para o mundo.

Um dia, cansado das obrigações cotidianas dirigiu-se ao grande Iago. Debruçado sobre as águas viu-a pela primeira vez.

A grande cabeleira ondulando sobre as águas, o vento tecendo pregas sobre o cabelo brilhante, metade do corpo escondido sob as plantas aquáticas, e, de repente, a visão de seu rosto formoso.

Não pensou o jovem que aquele pudesse ser um rosto maligno. Um sinal do Diabo sobre a terra de Deus.

A tentação em forma de beleza. A atração para o caminho fatal sem volta. Nada disso ele pensou. Não poderia pensar em nada, pois a visão daquela beleza o sufocou, deixou-o sem fala e sem caminhos, perdido no labirinto da vida. Não refletiu que era um rosto sem corpo, pois o corpo escondia-se na água, não se mostrava.

Não passou pela idéia do rapaz que aquele corpo escondido pudesse ser um peixe, ou um corpo de sereia. Não, não imaginou nada disso, pois a sedução daquela beleza pura do rosto boiando nas águas, o brilho do cabelo que se misturava às ondas formadas pelo passar da brisa, estavam ali, eram reais, existiam, e tornaram-se parte de sua obsessão

Ao mesmo tempo em que admirava a beleza pura do rosto feminino, um canto deslumbrante invadiu o espaço. Embalado pelo som da suave melodia, ele não pensou duas vezes. Decidiu que havia encontrado a paixão que tanto procurava. O vazio do seu coração estava preenchido. A bela visão deu-lhe a falsa promessa de felicidade como é comum nas paixões fulminantes. E ele mergulhou nas águas profundas ao encontro do seu destino.

O sábio que passava ao longo da margem registrou em seu livro de sabedoria mais um desatino pela paixão. Ele sabia que os jovens que se atiravam nos braços da lara das águas jamais retornariam pois seriam encantados como ela e um dia sairiam das profundezas para usar esse encantamento.

E como rezava a lenda, a lara das águas levava consigo mais um apaixonado para o seu reino encantado nas profundezas da água escura. Disso sabia o sábio, porque era sábio. Mas ele sabia também, embora não revelasse, que paixão tem tempo contado. E que um dia o jovem apaixonado recobraria a razão e ressurgiria das águas. E continuaria encantado com a formosura de seu próprio rosto refletido nas águas escuras.

Esse jovem de rosto formoso seria conhecido como Narciso. Disso sabia o sábio.

Mas quem acredita em lendas?

Nilza Amaral é escritora, contista, romancista e professora de Línguas e Literaturas. Exerceu o cargo de diretora da União Brasileira de Escritores em várias gestões.

Repouso Lunar

Maria de Lourdes Alba

Contida em plenas feridas Felinas de desespero atroz Me traz a lua a lembrança De alegres bracos a embalar

No colo da noite a cair A rede repousa a noite O cair da lua O luar repousa A noite Na noite De noite

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.

CASTAS

Dijanira Pio

Castas sociais são muradas. Crianças famélicas mulheres parideiras. Homens manipulando a vida o viver o fazer. É o desejável?

Dijanira Pio é poeta, escritora, contista, professora e membro da União Brasileira de Escritores.

História de família

Odette Mutto

Minha avó contava que a avó dela era italiana. Se chamava Maria, tinha chegado em São Paulo, na sexta feira e na segunda feira da semana seguinte, já saiu para trabalhar, fazer penteados nas senhoras ricas, ela era cabeleireira látia e continuou a fazer a mesma coisa no Brasil.

Juntou 04 filhos aos 03 pequenininhos trazidos de lá, formando uma família grande onde se falava italiano e português. O marido de Maria estava no Brasil há mais tempo, tinha vindo como imigrante e não foi para lavoura de café. Era chapeleiro, fugiu do abrigo na rua Alegria, São Paulo, um primo dele arrumou um emprego na Ramenzoni, uma fábrica de chapéus.

Ali, ele trabalhou bastante e mandou a passagem comprada para Maria não precisar passar pelos mesmos sofrimentos que ele passou, vindo como imigrante.

Ele fumava cachimbo e pegou uma tosse que ficou até morrer, com 76 anos. Está sepultado no cemitério São Paulo; Maria foi com ele uns 10 anos depois. Quem também está lá é o meu avô Rubens, eu não o conheci e minha mãe era pequena quando as pessoas adultas começaram a falar que o Rubens havia ido para o céu, e ela não viu mais o pai.

Ana Cristina é minha mãe, Marcus meu pai e Clara a irmãzinha mandada por Deus.

Odette Mutto é escritora, cirurgiã dentista e membro da União Brasileira de Escritores.

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS -CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÒFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -100 HAICAIS BRASILEIROS

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1 www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119
- ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Página 8 - março de 2019



Beatriz Helena Ramos Amaral

Beatriz Helena Ramos Amaral será homenageada no Sarau Gente de Palavra Paulistano, no dia 26 de Março, terça-feira, a partir de 19h30, no Patuscada, Rua Luís Murat, 40, Vila Madalena, em São Paulo. A coordenação do evento é do poeta, crítico e produtor cultural Rubens Jardim. Escritores e poetas convidados apresentarão um ou dois poemas de autoria da homenageada.

O I Encontro do Mulherio das Letras Portugal, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, realizado de 7 a 10 março, na Universidade Nova de Lisboa e no Palácio Baldaya, contou com a participação de Beatriz Helena Ramos Amaral. O evento, com a coordenação geral de Beth Olegário, Noemi Alfieri e Adriana Mayrinck, abrigou palestras, conferências, apresentações, exposição de obras, sarau e o lançamento das coletâneas de prosa e de poesia do Mulherio que reúnem escritoras portuguesas e brasileiras. O Mulherio das Letras Portugal é inspirado no Mulherio das Letras Brasil que foi criado pela escritora Maria Valéria Rezende - e com ele se conecta. Beatriz também irá para a cidade do Porto e para a cidade da Covilhã para apresentar, na Biblioteca Municipal da Covilhã, o novo livro - por ela prefaciado - da escritora e poeta Rogélia Proença.

Guilherme Loureiro, jornalista e assessor de imprensa, faleceu no dia 5 de fevereiro, em São Paulo, aos 59 anos. Nasceu em 16 de julho de 1959, em Mococa (SP). Trabalhou como assessor de imprensa nas editoras Summus e Global e prestou serviços de assesoria para a Livraria Loyola e Scortecci Editora.

Notícias

Sebastião Xavier de Lima (Xavi), artista plástico, chargista, caricaturista, ilustrador e criador dos selos e logo do Linguagem Viva, ficou entre os 50 melhores finalistas na 1ª edição do Concurso de Caricaturas Artes de Março, promovido pelo Teresina Shopping, com o tema Jovem Guarda. Foram inscritos mais de 200 desenhos de artistas de todo o mundo. Os desenhos das 50 melhores caricaturas ficarão expostos de 8 a 29 de março, no Teresina Shopping, na Galeria de Artes. no piso superior com acesso pelo piso três do Edifício Garagem, em Teresina (PI).

Marco Lucchesi, presidente da Academia Brasileira de Letras, foi agraciado com o "Prêmio faz diferença" de 2018, na categoria Segundo Caderno/Livros, promovido pelo O GLOBO em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

Vitor Tavares, da Distribuidora Loyola de Livros, eleito no dia 26 de fevereiro, é o novo presidente da Câmara Brasileira do Livro. Diego Drumond (Vice—Presidente Administrativo e Financeiro), Luciano Monteiro (Vice—Presidente de Comunicação) e Hubert Alqueres (Vice—Presidente Secretário).

Silas Correa Leite lançou o romance místico *Ele Está no Meio de Nós*, pela Sendas Editora do grupo Kotter Editorial de Curitiba.

A Editora Unesp lançou Memórias de Sparkenbroke: Fora do Tempo, de Clóvis Moura, obra organizada por Teresa Malatian, Sonia Troitiño e Cleber Santos Vieira. Clóvis Moura (1925-2003), historiador e sociólogo, é autor do clássico Rebeliões da senzala. A obra contou com a organização de profissionais do Centro de Documentação e Memória da Unesp que dispõe do acervo de Clóvis Moura doado pela família após o seu falecimento.

A UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES - RJ realizará Assembleia Geral e eleição da diretoria para o biênio 2019/2020, no dia 20 de março, às 14h30, na Sociedade Nacional de Agricultura, Av. General Justo, 171, 2º andar, Castelo - Praça XV, no Rio de Janeiro. https://uberio.wixsite.com/2017

Galeno Amorim foi reeleito presidente da Fundação Observatório do Livro e da Leitura, entidade do terceiro setor que realiza projetos, estudos, pesquisas e atividades de formação na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas. Galeno Amorim exerceu os cargos de presidente da Fundação Biblioteca Nacional e do Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc/ UNESCO), de coordenador do Plano Nacional do Livro e Leitura e de secretário da Cultura de Ribeirão Preto (SP).

O Guia de Coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, organizado e revisado tecnicamente pela bibliotecária Eliane Perez, realizado pela Divisão de Manuscritos e Centro de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional, está disponível em formato digital. A capa homenageia o historiador Capistrano de Abreu, funcionário da Biblioteca Nacional, que preparou a publicação de importantes manuscritos como o da História do Brasil, de Frei Vicente do Salvador. https:// www.bn.gov.br/producao/ publicacoes/guia-colecoes-divisaomanuscritos-biblioteca-nacional

Eliana Cardoso, com o romance *Dama de paus*, foi agraciada com o Prêmio Kindle de Literatura, promovido pela Amazon e Nova Fronteira.

O Festival Literário Internacional de Poços de Caldas - Flipoços, que será realizado de 27 de abril a 5 de maio, em Poços de Caldas (MG), com tema central Literatura sem Fronteiras, terá como patrono o escritor Jorge Schwartz. Serão homenageados Ramiro Canedo de Carvalho - Escritor Sulfuroso e Kátia Gerlach - Escritora sem Fronteiras.

Paulo Nogueira Neto, escritor, historiador, ecologista, professor, advogado, político e membro da Academia Paulista de Letras, faleceu no dia 25 de fevereiro, em São Paulo. Nasceu em São Paulo a 18 de abril de 1922. Professor Titular de Ecologia da Universidade de São Paulo. Exerceu o cargo de Secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal e pertenceu à Comissão Brundtland das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Foi agraciado com o Prêmio Paul Getty - a principal láurea mundial no Campo da Conservação da Natureza - e com o Prêmio Duke of Edinburgh. Autor de Mar de Dentro, Do Taim ao Chuí, Vida e Criação de Abelhas Indígenas sem Ferrão, entre outras

Oswaldo Melantonio, escritor, professor de oratória, faleceu em 27 de novembro de 2018, em São Paulo. Nasceu no dia 27 de setembro de 1925, em São Paulo. Em 1944 fundou o Instituto Melantonio, em São Paulo, com o objetivo de ministrar cursos voltados à oratória política, que encerrou suas atividades em 1990. Autor de Buonacuori e Suas Tragicomédias de Burguês, Comunicação, Politicologia e os Socialismos. Da Necessidade do General Rui Barbosa, entre outras importantes obras.

A Livraria Risco e Rabisco, Rua Direita, 88, foi inaugurada no dia 11 de março, na cidade de Mariana (MG). O evento de inauguração contou com a presença da presidente da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil Andreia Donadon Leal, de Gabriel Bicalho, José Benedito Donadon Leal, Hebe Rola, Magna Campos, entre outros autores.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br